



Metalúrgico, apaixonado por esportes, literatura e poesia, José Orlando Pereira Dato aos 63 anos já escreveu 6 livros, sendo 5 de poesias, como o livro ‘Poesias Sobre Rodas’. Casado e pai de três filhos, desde os 40 anos convive com a doença rara Esclerose Lateral Amiotrófica.

Eu cheguei ao final deste livro com a mais absoluta certeza de que meu olhar nunca mais será o mesmo para nossos irmãos e irmãs pretos. Pude ler depoimentos de pessoas que saíram da sarjeta para estrelar em palcos, assim como muitos que usaram a arte como ferramenta de transformação se tornando protagonista de sua história, fazendo música com tudo de cruel que o racismo lhe apresentou, tentando lhe convencer que ele estava fadado ao insucesso e que tudo está onde tem que estar e que a vida é assim mesmo.

Do quilombo ao condomínio fechado ou dos farrapos à toga, há um caminho espinhoso que, às custas de muito sofrimento e dedicação, poucas pessoas de pele preta conseguem atravessar. Num país onde 56% do seu povo é negro e pardo, a estatística mostra o baixíssimo número destes que conseguem romper a muralha do ‘racismo à brasileira’. Ao ler atentamente todos os depoimentos nesta obra, relatados muito oportunamente pelo meu amigo escritor Alexandre Müller Hill Maestrini, que é branco, percebo claramente que o racismo é um câncer entranhado em nossa sociedade.

Ninguém nasce racista, mas já nascemos com uma dívida moral e material com nossos irmãos pretos por sua ancestralidade e ainda pela injustiça e crueldade do tratamento de pessoas pretas. Nós, os brancos, acostumamos desde o berço a naturalizar o racismo, onde não se vê médicos negros e no decorrer de nossa existência, programas infantis, dramaturgia, jornalismo e todo tipo de entretenimento são pensados e formatados para pessoas brancas. Quando vemos uma jornalista negra na televisão é um gesto de ousadia e também um tapa na cara da sociedade racista, pois ali está um chamado aos

seus iguais para sonhar e provar que é possível. Assim, essas riquezas pretas vão derrubando muros e construindo pontes para chegar à periferia onde sua maioria também é de pretos e pobres e através da cultura levam até eles a filosofia, poesia, música e teatro, fortalecendo sua auto-estima fazendo com que essas pontes possam ligá-los ao protagonismo.

Somos um país de mestiços e o colorismo é uma forma de preconceito dentro da comunidade, onde pessoas com tons de pele mais claros são frequentemente valorizadas e têm mais oportunidades em comparação com aquelas de pele mais escura. Essa diferenciação, baseada na tonalidade da pele, afeta o acesso a recursos, tratamento social e oportunidades de vida. O colorismo é o elefante na sala de estar na casa de toda família brasileira que todo mundo sabe que está lá, mas sobre o qual é difícil de falar. Um elefante toma espaço, impede a circulação da conversa, por isso é importante nomeá-lo para que possamos finalmente conversar sobre algo que afeta nossas relações no espaço público e no espaço privado.

O racismo é baseado em um falseamento de superioridade racial de um grupo sobre o outro, na criação de políticas públicas que reforçam disparidades socioeconômicas com base na ideologia racial. O colorismo responde a essa necessidade de hierarquizar os indivíduos, de organizar o espaço público segundo critérios atinentes a essas ideias e práticas de superioridade branca. Em um país altamente miscigenado, de maioria negra, o colorismo é uma chave importante de compreensão das nossas estruturas raciais.

Estrangeiros que vem ao Brasil e se encantam com a beleza do nosso Carnaval, são os mesmos que em seu país diante de tanta riqueza como nos Estados Unidos e na Europa, segregam nossos irmãos negros impondo a eles somente a possibilidade de trabalhos sexuais. Mesmo aqueles que conseguiram alcançar o topo de seus objetivos ainda permanecem encarcerados em sua existência por uma sociedade que o observa atentamente, não para dar-lhes notoriedade, mas na expectativa de que ela cometa um deslize e justifique sua insanidade racista.

Assim, pessoas negras – a duras provas – buscam seu espaço através de sua dedicação e competência, porém ainda arrastam correntes em seus íntimos, pois um negro sentado em uma cadeira de universidade é visto como uma espécie em extinção em uma realidade majoritariamente branca que questiona inclusive a cota para negros, sobre o argumento de que o acesso à universidade é igual para todos.

Entendi com este livro que não sermos racista é muito pouco, precisamos combater o racismo. Pessoas negras se rendem ao assédio do crime das periferias por falta de

acesso à cultura, educação, arte e trabalho digno, consequentemente viram vítimas em potencial da nossa força policial e também alvos de balas perdidas que escolhem suas vítimas pela cor. Além de muita reflexão e consciência dessa dura realidade, esta obra me trouxe também um encantamento por essas ‘Nossas Riquezas Pretas – biografias afro-juizforanas’ que empunharam em sua grande maioria a educação e a arte como ferramenta de transformação. Seria um sacrilégio de minha parte, dizer que eu sei exatamente o estrago que o racismo provoca na vida dessas pessoas, porque por mais empatia que eu tenha, sou branco e nunca fui submetido a uma agressão dessa natureza. Mas em 2020 diante do assassinato de George Floyd, escrevi por empatia a poesia ‘Irmão Preto’:

...

Hoje vi na TV / Como manchete de um jornal

Uma notícia que parecia ser velha / Preto morto por um policial

Um filme que se repete / Muda o nome, mas o resto é igual

Preto, pobre de periferia / Sempre morrem no final

Cenas estarrecedoras / De um filme de terror

Onde até balas perdidas / Escolhem suas vítimas pela cor

O que mais será preciso / Para abolir a escravidão

E em condições de igualdade / Respeitar nossos irmãos

...

Permito-me, ao finalizar, fazer um paralelo com o tocante à segregação. Sou portador de uma doença rara degenerativa, progressiva e sem cura chamada ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica) e também tenho que me submeter a uma sociedade que não tem olhos para os diferentes. Sendo assim querem me segregar a um espaço que eu mesmo tenho que construir e ficar encarcerado nele, porque na maioria das vezes meus direitos primários, como ir e vir, são cerceados pela falta de acesso. Não só em locais que alimentam nossa vida social como teatro, cinema, casas de shows, mas também no que se refere às necessidades vitais para meu enfrentamento com o avanço da doença como clínicas, hospitais e consultórios.

Assim como existe o Centro de Referência da Cultura Negra em Juíz de Fora, nós do [MOVELA](#) (MOVimento em defesa dos direitos dos pacientes com ELA) lutamos bravamente para a criação do centro de referência no atendimento de pacientes com doenças raras em parceria com o Hospital Universitário de Juiz de Fora. O que eu vejo em comum é que todos nós buscamos a história de modo a preservar o direito e o respeito ao nosso lugar como cidadãos. As coisas mudam quando as pessoas mudam, assim se faz urgente combatermos o racismo com a nossa mudança íntima em busca de uma sociedade mais justa.